

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

## **Práticas pedagógicas na concepção da educação do campo no brasil.**

Maria Antônia de Souza, Carmem Silvia Machado y Mariangela Hoog Cunha.

Cita:

Maria Antônia de Souza, Carmem Silvia Machado y Mariangela Hoog Cunha (2009). *Práticas pedagógicas na concepção da educação do campo no brasil. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1999>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# Práticas pedagógicas na concepção da educação do campo no brasil

**Maria Antônia de Souza, Universidade Tuiuti do Paraná.**

*maria.antonio@pq.cnpq.br*

**Carmem Silvia Machado, Universidade Tuiuti do Paraná.**

*carmemmachado@pop.com.br*

**Mariangela Hoog Cunha, Universidade Tuiuti do Paraná.**

*maricunha@hotmail.com*

## Introdução

A Educação do Campo é uma concepção de educação que valoriza o trabalho no campo e os povos do campo, suas particularidades culturais e contradições sociais. Essa concepção confronta-se à educação rural, vinculada aos interesses do agronegócio, do capitalismo agrário e, conseqüentemente, ao fortalecimento das políticas de esvaziamento do campo.

De acordo com Caldart (2008), o conceito é novo e já está em disputa, “[...] porque o movimento da realidade que ele busca expressar é marcado por contradições sociais muito fortes” (p. 69). Para a autora, “[...] o conceito de Educação do Campo tem raiz na sua materialidade e origem e no movimento histórico da realidade a que se refere.” (p. 69). Ela aponta três questões que sinalizam tensões reveladoras de contradições importantes, a saber: 1) A Educação do Campo deve ser pensada na tríade Campo – Política Pública – Educação. Seria a relação tensa entre esses termos que constituiria a sua novidade histórica. 2) A Educação do Campo assume-se como

especificidade na discussão do país, de política pública e de educação. Essa especificidade é questionada pelos que defendem a perspectiva da universalidade e da educação unitária. 3) “O movimento da Educação do Campo se constitui de três momentos que são distintos, mas simultâneos e que se complementam na configuração do seu conceito, do que ela é, está sendo, poderá ser” (CALDART, 2008, p. 75). Para a autora, a Educação do Campo é negatividade – denúncia/resistência; é positividade – se combina com práticas e propostas concretas; e é superação – projeto/utopia. (p. 75).

Neste trabalho, parte-se da ideia de que a Educação do Campo é um novo paradigma educativo construído pela classe trabalhadora do campo (SOUZA, 2006). Entende-se que as práticas pedagógicas no mundo escolar estão a sofrer transformações, ainda não plenamente visíveis. A própria universidade sofre modificações ao integrar entre os cursos superiores aqueles voltados aos povos do campo, em particular os assentados da reforma agrária.

O texto está organizado em três partes: a primeira traz aspectos da prática pedagógica e a expressividade corporal numa escola localizada em assentamento rural; a segunda traz aspectos da escolarização entre povos moradores de ilhas do litoral paranaense, e a terceira problematiza a Educação do Campo, atentando-se para práticas presentes na academia.

### **A expressividade corporal na prática pedagógica**

Quando se pensa a sala de aula, é comum à memória individual a visualização, na maioria das vezes (para não dizer todas), de um professor à frente da turma, os alunos sentados, calados, e apenas uma voz ecoando no espaço – a do professor. O movimento e o deslocamento intencional (ir a algum lugar) pelo espaço (andar) na sala de aula, bem como falar deliberadamente (conversas paralelas) não constituem elementos comuns na maioria das escolas. Os sujeitos do ato educativo relegados a uma prática acrítica, imóvel, apática, inexpressiva, estão distanciados cada vez mais da construção de seus próprios conhecimentos, e se perguntam a cada dia: E agora, diga-me o que eu tenho que fazer?

Por sua vez, a prática pedagógica dialógica possibilita o reconhecimento da historicidade, permite o comprometimento com a realidade vivida, aponta desafios perceptíveis, exige respostas que implicam em ações decisórias para a vida dos sujeitos do ato educativo, propicia a transformação e conscientização significativa e simbólica, trata da cultura e, portanto, reconhece a existência humana como uma ação crítica e transformadora dos sujeitos diante do mundo. (MACHADO, 2009)

Diante do posto, cabe uma pergunta: o que tem sido constatado acerca da prática pedagógica do campo imbuída pela expressividade corporal da realidade? Constata-se que a

expressividade corporal mostra-se evidenciada por momentos de ‘proximidade’ e de ‘co–laboração’ entre os sujeitos que planejam as atividades da escola, que agem juntos, imbuídos por questões origem, pertencimento e inserção.

Os alunos brincam e guardam os brinquedos em parceria; alimentam-se juntos e, em alguns momentos, preparam o alimento com a co–laboração dos professores e quadro funcional; logo, *as tarefas de limpeza e organização coletiva são coligadas aos conteúdos escolares*. Os sujeitos do ato educativo dialogam, planejam e organizam suas tarefas, preocupados com o espaço de pertencimento, cuidam e zelam, por que ele (o espaço) faz parte de uma história de luta, da sua história de luta.

Para os sujeitos a escola é o *ethos*, a morada, onde se nutrem de verdades e de sonhos e onde buscam forças para o entendimento da realidade. A prática pedagógica construída no coletivo, na prática social, evidenciada pelo ‘trabalho coletivo’, permite entender que a teoria pedagógica da escola do campo é gerada no exercício *práxico* do convívio social.

Na celebração da mística, a expressão do corpo comunica a realidade por meio de gestos envoltos pela ‘emoção compartilhada’. Nas rodas de debate, nas discussões em coletividade, a manifestação do corpo que expressa fatos, ideias e aspirações possibilitam o aprendizado a partir do ‘contato’ do olhar, do mover-se em direção de seus interesses e dos interesses dos outros; as brincadeiras entre os alunos e entre os professores, os ‘gestos que acolhem’ e que aproximam, o cuidado com o outro, o aconchego em momentos de tristeza, medo ou dor são evidentes.

Os alunos, os professores, o quadro funcional e os pais expressam sua alegria em fazer parte da escola, na sutileza das palavras e nos gestos de carinho, compartilhando ideias, dividindo as tarefas e incentivando, por meio do elogio, a continuidade de mais uma atividade (conquista) de todos.

As pessoas que se encontram no espaço da escola ‘compartilham ideias’ e fazem parte de um contexto em que a amizade, a solidariedade, a participação, a cooperação e outros não permitem ignorar, repudiar, desdenhar ou humilhar, mas buscam um mesmo caminho e fazem parte de uma mesma realidade. A expressividade corporal, na prática pedagógica que se constrói na coletividade, é evidente, por meio de gestos, nas expressões do rosto, no acolhimento, na motivação, nas danças, nas cantigas, na valorização do conhecimento do outro e nas relações com a realidade desenvolvida na prática social.

No contexto da prática pedagógica em uma escola localizada em assentamento de reforma agrária, observa-se uma série de manifestações corporais: gestos, gritos de guerra, rituais da mística, faces marcadas pela idade e pelas intempéries sociais e climáticas, sorrisos tímidos, olhares curiosos e esperançosos. O corpo reclama um lugar de expressividade na escola, mas de uma expressividade crítica e consciente com a qual se torna possível criar, apreender e também compreender que o ato

de mover-se mais e autenticamente no espaço da escola não se restringe a mera figuração estética ou repetitiva dos conhecimentos.

O teatro, a mimese, a dança, as cantigas dos seresteiros, o folclore, as brincadeiras de roda, os brinquedos antigos compreendem um universo expressivo, envolto por conteúdos que tornam viva uma das características humanas por excelência, ‘o símbolo’.

Simbolizando seguem os sujeitos, de todos os espaços, de todos os lugares, como cantam os seresteiros nas modas de viola, contando e expressando em versos um corpo que almeja ansioso por fazer parte de mais uma dança, brincadeira de roda, interpretação, cantiga, boi-bumbá.

Em síntese, pode-se afirmar que as categorias consideradas expressivas no âmbito da sala de aula são a organização coletiva, a liberdade, a proximidade, a dialogicidade, a cooperação e o pertencimento. Elas são compreendidas no contexto do trabalho didático numa perspectiva emancipatória, tal como indica Mészáros (2008). Para esse autor, os princípios que orientam a transformação social não são possíveis de serem realizados quando a educação está dissociada da consciência socialista. Quando a educação constituir-se, de fato e de direito, num caminho (longo) para que este propósito seja firmado, por meio da participação autônoma dos sujeitos do ato educativo, quando as decisões que concernem à educação respeitarem (no planejamento) a igualdade de forma progressiva (uma grande alteração), aí sim haverá um impacto positivo e diretivo junto à vida dos sujeitos.

### **Aspectos da escolarização entre povos ilhéus, litoral paranaense**

A Ilha Rasa, foco da pesquisa, está situada entre as várias ilhas que se encontram dentro da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba – PR (APA). Essa ilha brasileira do Estado do Paraná, com alta diversidade biológica e cultura peculiar, está rodeada por manguezais, não dispondo, portanto, de praias, areias brancas, nem dos habituais turistas. É uma ilha de pescadores artesanais que habitam a região há muitos anos.

Com uma população de aproximadamente 600 habitantes dividindo uma área aproximada de 10,5 km<sup>2</sup>, os ilhéus, a região vive basicamente da atividade pesqueira, do comércio local e poucos empregos públicos nas áreas da saúde e da educação.

O ensino, na comunidade de Ilha Rasa, está sendo compreendido como uma prática pedagógica que pode ocorrer tanto em espaços e tempos escolares como nos espaços de socialização, em que florescem experiências e trocas de saberes que ocorrem além dos muros da escola, portanto com intencionalidades de aprendizagem.

Nessa perspectiva, tudo o que acontece ao entorno da escola, o aprendizado transmitido de geração a geração, assim como as atividades escolares desenvolvidas pelos alunos em outras comunidades, também faz parte da prática escolar, que não se resume à sala de aula.

Nas ilhas da baía de Paranaguá, as crianças, filhos de pescadores, começam a pescar desde muito cedo. Os pais as levam em canoas para ensinar-lhes o ofício de seus antepassados e, ao mesmo tempo, reconhecem a necessidade da escola para seus filhos e não para eles. Quando a criança alcança 10 a 11 anos de idade, começa a pescar sozinha e acaba por exercer esse trabalho para auxiliar no sustento da família. O ofício de pescador acaba se tornando um prazer, meio de subsistência e parte cultural de suas vidas.

No âmbito dessa realidade que se está estudando, o acesso à educação escolar é restrito aos ilhéus e ribeirinhos da baía de Guaraqueçaba. Os alunos provêm de diferentes vilas localizadas na própria Ilha Rasa, ilhas próximas e comunidades de ribeirinhos localizadas no continente, porém sem acesso por terra. O acesso à escola é realizado a pé, de canoa ou baleeira<sup>1</sup>.

A escola da Ilha Rasa conta em média com 140 alunos e oferta o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). O Ensino Médio iniciou no ano de 2009 e oferece somente o primeiro ano. As turmas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental são multisseriadas e o Ensino Fundamental completo teve início somente há seis anos. O início tardio ocasionou grande defasagem na relação idade/série. A modalidade de ensino EJA já existe há seis anos e oferece o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries e também o Ensino Médio.

A educação escolar dos ilhéus integra o debate da Educação do Campo no Brasil, pois, de acordo com as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná para a Educação do Campo, os povos do campo se caracterizam pelo seu jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, através da mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que reforçam as relações familiares e de vizinhança, o vínculo com a rotina de trabalho que segue uma marcação do tempo que não a do relógio mecânico. (SEED/PR, 2006, p. 22).

Analisando essa população em sua totalidade, os ilhéus que habitam a Ilha integram uma cultura maior, universal, e, no decorrer da história, eles não tiveram acesso ao material concreto disponível na sociedade. As más condições de existência na Ilha Rasa explicam diferentes acessos ao que já foi produzido pela humanidade. O difícil acesso às cidades maiores, a dificuldade de produzir seu próprio sustento, a falta de reconhecimento pelos poderes públicos são apenas algumas das razões que isolam cada vez mais essa população de pescadores artesanais.

---

<sup>1</sup> As baleeiras e canoas são barcos típicos da região litorânea do Paraná. As baleeiras são feitas de compensado e suportam até dez pessoas. As canoas são feitas de uma peça de madeira única e construídas em diversos tamanhos. O motor é geralmente instalado no centro do barco.

Os sujeitos ilhéus apresentam costumes e maneiras próprias de manifestação em sociedade, ou seja, destacam-se pelo processo que marca a sua existência e vida em coletividade. Participam sempre de atividades desenvolvidas pela escola e igreja. São os sujeitos do campo, cuja marca expressiva é dada pelas relações de trabalho que produzem vida, consciência e cultura. Portadores de uma identidade construída na base de suas relações sociais, esses sujeitos são pescadores e sentem-se, portanto, acostumados ao tipo de vida que levam.

A pesca, para eles, é uma atividade rotineira, natural, constituidora de sua existência. Os ilhéus retiram diretamente da natureza o seu sustento, sobrevivendo, em sua grande maioria, da atividade pesqueira: camarão, caranguejos, ostras e várias espécies de peixes. A natureza fornece os “[...] meios de subsistência prontos para utilização imediata, existe independentemente da ação dele [...]. Assim, os peixes que se pescam, que são tirados do seu elemento, a água [...]”. (MARX, 2008, p. 212).

Não obstante, há a compreensão de que na Ilha as possibilidades de trabalho são poucas e a maioria dos alunos ainda optará por permanecer reproduzindo o que lhes é esperado pela sociedade em que vivem.

Constata-se que existe o esforço do grupo docente em proporcionar-lhes novas significações, visando o retrocesso do senso comum como forma de verdade absoluta; os professores enfatizam a necessidade da educação para que os sujeitos possam fazer escolhas e visualizar outras perspectivas de melhoria na qualidade de vida, e, ainda, procuram estimular nos alunos a reflexão crítica, instigando-os ao debate e à opinião. Compreende-se, dessa forma, a importância que a escola poderá exercer sobre a população estudada, pois, à medida que diminui o produto extraído da natureza para a subsistência, o desenvolvimento educacional dessa localidade deveria aumentar, com o surgimento de novas formas de sobrevivência, novas fontes de renda a serem elucidadas pela educação.

A realidade social das ilhas do Paraná propicia a evasão escolar em função da necessidade do trabalho. Os adultos não demonstram vontade de retornar à escola por acreditarem que esta não mudará suas vidas e não lhes trará benefício algum, uma vez que as oportunidades de emprego na ilha são reduzidas.

O cotidiano na comunidade os conduz para a vida de anzóis e mar. A oportunidade de exercer outra atividade profissional praticamente inexistente, “[...] os meios de subsistência constituem aos próprios olhos daqueles que as exercem, uma coisa para a qual a pessoa se resolve por falta de coisa melhor.” (BOURDIEU, 1979, p. 84).

Em síntese, a comunidade da Ilha Rasa apresenta-se envolvida com as questões do mundo escolar; há um entrelaçamento entre a vida na escola e a escola da vida, mesmo diante dos

obstáculos presentes no seu dia-a-dia. Existe a valorização da escola, do saber e o modo de vida na comunidade. De outro lado, professores e alunos vivenciando as fragilidades do transporte escolar, o longo e perigoso percurso para chegar à escola. Deste modo, ao colocar em questão os aspectos culturais da escola dos ilhéus, insere-se no debate a prática social de um povo que deseja uma escola que seja deles e não para eles.

### **A Educação do Campo adentrando o debate na academia: ensino, extensão e pesquisa**

O movimento da Educação do Campo tem conseguido interrogar as práticas na academia. Essas sinalizações podem ser vistas no aumento dos grupos de pesquisas; no envolvimento das universidades com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária; no crescimento das teses e dissertações que se dedicam ao estudo do campo; no crescimento da participação dos professores e de pesquisadores nos eventos científicos; na criação de grupos de trabalho sobre Educação do Campo, e nos eventos da educação no país. Dezenas de universidades estão envolvidas em parcerias com os movimentos sociais do campo, governos estaduais e governo federal no desenvolvimento de cursos em nível superior, voltados aos assentados da reforma agrária. Diversos são os cursos de Especialização em Educação do Campo em desenvolvimento no país. Cursos a distância – Especialização em Educação do Campo – também são ofertados por meio das universidades vinculadas à Universidade Aberta do Brasil – UAB.

Nesse cenário pergunta-se: quais modificações podem ser efetivadas nas práticas pedagógicas? O conhecimento gerado no movimento social chega à universidade por meio dos alunos e professores militantes. A entrada dessa produção na academia dinamiza as relações sociais, outras interrogações são geradas, pesquisadores em interação produzem as coletâneas e as participações efetivas nos eventos da Educação do Campo. Dessa forma, o movimento da Educação do Campo chama a universidade para o debate. A universidade chega por meio do conhecido, ou seja, daquele profissional que, em sua trajetória, vivencia experiências em movimentos sociais. O estranho também chega! Ele observa, é observado... Aos poucos, vê materialidade no debate, sente-se sujeito de uma luta que é social. As práticas pedagógicas são redesenhadas em função da necessidade de se pensar a Educação em Alternância, baseada no Tempo Escola e no Tempo Comunidade. As práticas voltadas à formação continuada dinamizam a produção acadêmica de professores e de alunos. Estes revelam a face de produtores de um conhecimento *práxico*.

São faces da ‘interação universidade e movimento da Educação do Campo’, lembrando que a integração da universidade é bastante personificada. As relações no conjunto de parceiras ora são mais tensas, ora são menos tensas, dinâmica que gera um movimento específico da Educação do Campo, que agrega novos sujeitos e que busca adensar as discussões para fortalecer a construção de políticas públicas e de uma sociedade diferente.

As políticas educacionais de Educação do Campo indagam a sociedade excludente e enfrentam a reação daqueles que são contrários ao acesso dos povos do campo às universidades, o que pode ser discutido mediante análise das ações civis públicas empreendidas contra projetos e universidades que ofertam cursos aos trabalhadores do campo.

## **Referências**

- o BOURDIEU, P. *O desencantamento do mundo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- o BRASIL. MEC. *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo*. Brasília, 2002.
- o MACHADO, C. *Educação do campo: a expressividade corporal na prática educativa*. 2009. 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.
- o MARX, K. *O Capital: crítica da economia política: livro I*. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- o MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- o SOUZA, M. A. de. *Educação do Campo: propostas e práticas pedagógicas do MST*. Petrópolis: Vozes, 2006.